

O BRASIL VAI VIRAR VENEZUELA: MEDO, MEMES E ENQUADRAMENTOS EMOCIONAIS NO WHATSAPP PRÓ-BOLSONARO*

Brazil will become Venezuela: fear, memes and emotional frames in WhatsApp for Bolsonaro

Brasil se convertirá en Venezuela: miedo, memes y enquadramientos emocionales en el WhatsApp pro-Bolsonaro

Viktor Chagas

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em História, Política e Bens Culturais (Cpdoc-FGV).

E-mail: viktor@midia.uff.br

Michelle Modesto

Docente da ECDD/Infnet. Mestre em Comunicação pela ECO/UFRJ, pesquisadora do coLAB/UFF.

E-mail: shellymodesto@gmail.com

Dandara Magalhães

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do coLAB/UFF.

E-mail: magalhaesdandara@id.uff.br

Resumo

O presente artigo analisa 11.118 mensagens trocadas em 158 grupos de WhatsApp de apoio à candidatura de Bolsonaro nas Eleições 2018, a fim de compreender como os eleitores mobilizam o meme "o Brasil vai virar uma Venezuela". Os resultados sustentam que as mensagens apresentam enquadramentos emocionais que associam a crise na Venezuela aos governos do PT, e são disseminadas estrategicamente com vistas a implementar um dispositivo de campanha negativa a partir de uma retórica do medo.

Palavras-chave: WhatsApp. Eleições 2018. Memes persuasivos. Retórica do medo.

Abstract

The follow article analyzes 11.118 messages exchanged in 158 WhatsApp groups in support of Bolsonaro's candidacy in 2018 Elections, in order to understand how the voters mobilize the meme "Brazil will become a Venezuela". Results demonstrate that the messages present emotional frames that associate the crisis in Venezuela with Workers' Party's governments and are disseminated strategically in order to implement a negative campaign device based on a rhetoric of fear.

Keywords: WhatsApp. 2018 elections. Persuasive memes. Rhetoric of fear.

Resumen

El presente artículo analiza 11.118 mensajes intercambiados en 158 grupos de WhatsApp de apoyo a la candidatura de Bolsonaro en las Elecciones 2018, a fin de comprender cómo los electores movilizan el meme "Brasil va a convertirse en una Venezuela". Los resultados sostienen que los mensajes presentan encuadres emocionales que asocian la crisis en Venezuela a los gobiernos del PT y se diseminan estratégicamente con miras a implementar un dispositivo de campaña negativa a partir de una retórica del miedo.

Palabras clave: WhatsApp. Elecciones 2018. Memes persuasivos. Retórica del miedo.

* Os autores agradecem a Miguel Freitas (PUC-Rio) pelo inestimável auxílio junto à descryptografia de dados do WhatsApp, que permitiu acessar as informações a partir dos grupos públicos monitorados.

❖ Artigo recebido em 19 de fevereiro de 2019 e aceito para publicação em 1º de junho de 2019.

Introdução

"Agora é Guerra!!! Ou é agora ou vira Venezuela!!!" O tom de ultimato, o contraponto imediato e exemplar com o país vizinho, e a percepção de que o Brasil está fadado a uma crise de grandes proporções se nada for feito para mudar os rumos da política nacional serviu de combustível para a mobilização de um enorme contingente de eleitores insatisfeitos com um sem-número de razões apoiassem a candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018.

O grito de guerra (em alguns casos, *ipsis litteris*) ganhou adesão popular e sub-repticiamente encontrou ressonância nos círculos familiares e sociais de eleitores com diferentes inclinações políticas. Como esta comparação emerge e o que ela representa no imaginário desses eleitores brasileiros é o principal escopo concernente a este artigo. Diferentemente, porém, do investimento que se tem feito para compreender o recente cenário de mudanças políticas na América Latina como um todo e no Brasil em particular, aqui, não se pretende discutir como esse discurso é parte de uma retórica populista da candidatura de Bolsonaro (Aggio & Castro, 2019, no prelo; Chueri, 2018, cf. tb. Zulianello et al., 2018), nem tampouco como meios de comunicação como os jornais e a televisão contribuíram para consolidar, junto ao imaginário popular, essa disposição (Cioccarri, 2018). Ainda que seja possível encontrar fortes evidências que sustentem essas duas hipóteses, por exemplo nas menções do próprio Bolsonaro no Twitter ao que seria um projeto petista de transformar o Brasil em uma Venezuela (Della Coletta, 2019a), ou no histórico tratamento legado pela mídia ao país fronteiriço, em grande medida decorrente das trocas de ofensas públicas entre Hugo Chávez e George W. Bush (BBC Brasil, 2006), o que se pretende com este artigo é compreender de modo mais aprofundado como esta imagem foi instrumentalizada pelo eleitor em seus espaços de convívio e discussão sobre a política. Arena que se destacou como locus essencial da campanha nas eleições em 2018, os grupos de WhatsApp constituem campo privilegiado para esta investigação sobre a sociabilidade política do brasileiro.

A pesquisa que tem por base plataformas de mensagens instantâneas como o WhatsApp apresenta desafios metodológicos consideráveis, notadamente no que tange à natureza ética de alguns concernimentos a

respeito dos sujeitos pesquisados. A maior parte das pesquisas que têm sido desenvolvidas a partir de dados do WhatsApp (Resende et al., 2019; Caetano et al., 2018; Resende et al., 2018; Moura e Michelson, 2018) tem se utilizado de metodologias similares, apoiadas em coletas de dados realizadas a partir de um aparelho destinatário, associado aos grupos monitorados. Desse modo, o pesquisador se associa a grupos públicos sem apresentar-se como tal. Trata-se de um modelo de pesquisa denominado de pesquisa encoberta, definido no artigo 2º, inciso XV da resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, instância colegiada do Ministério da Saúde que conta com uma comissão intersetorial responsável por implementar normas e diretrizes para pesquisas envolvendo seres humanos, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep). A pesquisa encoberta é descrita pelo CNS como “pesquisa conduzida sem que os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu consentimento seja obtido previamente ou durante a realização da pesquisa”. Segundo a mesma resolução nº 510/2016, este modelo de pesquisa se justifica “em circunstâncias nas quais a informação sobre objetivos e procedimentos alteraria o comportamento alvo do estudo ou quando a utilização deste método se apresenta como única forma de condução do estudo”. Padilha e colaboradores (2005, pp. 100-101) problematizam a pesquisa encoberta pelo fato de se tratar de um modelo de investigação que suprime dos sujeitos pesquisados o direito de não ser pesquisado. Entretanto ressaltam que o método não deve ser rejeitado, visto que há cenários em que a coleta de dados por outras formas é inviável. Face a estas considerações, a investigação em tela procurou preservar todo e qualquer dado de natureza privada dos sujeitos pesquisados, à exceção dos códigos de localidade de origem (DDD e DDI) dos telefones associados aos grupos pesquisados, capazes de fornecer informações demográficas relevantes sem ferir princípios éticos de pesquisa. Além disso, a pesquisa não investe em grupos privados de WhatsApp, mas naqueles em que convites públicos circulam pela rede e podem ser acessados por quaisquer indivíduos interessados. Por fim, vale lembrar que esta estratégia foi adotada exclusivamente por se tratarem os grupos e a rede que compõem de ambiente hostil à pesquisa acadêmica, notadamente às Ciências Humanas e Sociais. O presente artigo, portanto, parte de um levantamento de mensagens trocadas em grupos de apoio à campanha de Bolsonaro no WhatsApp, entre junho e

novembro de 2018, com comparações entre Brasil e Venezuela. Seu objetivo é analisar como essas comparações são procedidas, que sentidos evocam, e por quem são feitas. A principal premissa incorporada por este artigo é a de que a afirmação de que "o Brasil vai virar uma Venezuela" tem funcionado como um meme¹, evocado em disputas políticas nacionais, a partir de um imaginário difuso que apresenta o país vizinho como contraposição aos valores democráticos, mas servindo também a diferentes contextos e interpretações. Há uma finalidade estratégica na disseminação dessa comparação entre Brasil e Venezuela que atende diretamente a interesses de campanha, de modo que as principais hipóteses levantadas são as que se seguem:

H1 — O meme se intensifica em períodos em que há disputa eleitoral.

H2 — O objetivo primordial deste meme é funcionar como dispositivo de campanha negativa, a partir de uma forte associação entre o Partido dos Trabalhadores e eventuais fracassos do Estado venezuelano.

H3 — Atuando através do apelo emocional, o meme instiga urgência e necessidade de mobilização por parte do eleitorado decepcionado com o PT.

As três hipóteses serão testadas a seguir. Antes, porém, o artigo preambula com uma revisão que pretende estabelecer as bases para as

premissas originais nele empenhadas. Desse modo, divide-se em quatro partes, além desta breve introdução. Nos dois primeiros tópicos, discute-se como a expressão "o Brasil vai virar uma Venezuela" pode ser compreendida como um meme, remontando-se à origem do conceito, e aos modos como a expressão foi empregada na história recente, em paralelo a uma recomposição dos altos e baixos da relação entre os dois países. Na segunda metade do trabalho, apresenta-se o corpus de pesquisa e as análises desenvolvidas a partir dele, que levam em conta uma análise de conteúdos de cunho quantitativo e uma subsequente análise de enquadramentos.

1. Ascensão e ocaso das relações entre Brasília e Caracas

Comparações entre o Brasil e a Venezuela são frequentes nas últimas décadas, mesmo no âmbito da literatura especializada, em função de uma série de fatores que dizem respeito à política externa mas também às questões domésticas e estruturais de ambos os países. Por exemplo, Octavio Amorim Neto (2002) recupera a hipótese da crise de paralisia decisória de Wanderley Guilherme dos Santos (1986), criada para explicar os momentos derradeiros do Governo João Goulart, no Brasil pré-ditadura militar, para explicar o que identifica como uma "ruptura institucional" no regime constitucional da Venezuela em 1999, que permite que Chávez chegue ao poder. O cientista

¹ Embora fuja ao escopo deste artigo em si, vale aqui mencionar que, em ocasiões anteriores (cf. Chagas, 2018; Chagas et al., 2017, etc.), procuramos definir os memes políticos e sobre a política como "fórmulas discursivas ou artefatos culturais que, a partir de uma interação com seus congêneres, e através de um processo de circulação em diferentes redes sociais, são capazes de despertar ou demonstrar engajamento político do sujeito ou ainda socializa-lo com o debate público, através de uma linguagem metafórica e orientada à construção de um enredo ou enquadramento próprios, que fazem uso, muitas vezes, de referências da cultura popular" (Chagas, 2018, p. 10). Acorados na perspectiva de Shifman (2014), mas também na de Knobel e Lankshear (2007), segundo a qual, devemos pensar os memes de internet de modo distinto do conceituado originalmente por Richard Dawkins (1976) ao criar o conceito de meme, entendemos que o fenômeno se traduz como uma linguagem comunicacional que atua de modo a constituir parte do folclore digital. Para Knobel e Lankshear (2007), eles devem ser lidos como textos ou discursos, e podem compreender práticas como bordões, jingles, riffs e batidas musicais, e modos de fazer as coisas.

político enumera razões para isso, que vão da baixíssima produção legislativa no período que antecede o governo chavista, uma alta polarização no eleitorado, com percentual elevado de votos obtidos por legendas extremistas, e um intenso e continuado processo de fragmentação legislativa, que se não tornava instável a composição ministerial, vinha contribuindo decisivamente para que as taxas de abstenção eleitoral se elevassem. A adaptação de um modelo teórico desenvolvido para explicar o cenário nacional ao contexto venezuelano não é sem propósito. A chegada de Chávez ao poder, na Venezuela, é tomada como um marco por analistas de diferentes matizes. E a posição fortalecida que o país passa a ocupar no cenário internacional, antitética aos Estados Unidos, influencia a política externa de outros países latino-americanos de modo profundo.

A Venezuela é um dos países latinos com maior tradição democrática continuada e, ao menos até 1998, era reconhecida como um dos sistemas partidários mais estáveis da região (Hillman & D'Agostino, 2000). Os dois principais partidos, a Acción Democrática (AD, fundada em 1941, a partir do Partido Democrático Nacional) e o Comité de Organización Política Electoral Independiente (Copei, fundado em 1946, a partir do movimento estudantil) revezavam-se no poder desde o fim do período ditatorial em 1958. Desse modo, a especulação sobre o eventual "colapso" do sistema partidário venezuelano, com a eleição de Chávez, pelo Movimiento V^a República (MVR), um partido até então pouco expressivo, foi tomada com a preocupação de que se estivesse ampliando o espaço de lideranças populistas independentes na região. Hillman e D'Agostino (2000), porém, notam que, se os partidos tinham sua confiança erodida pela corrupção estrutural do sistema político no país, a cultura política venezuelana dava indícios de uma revitalização democrática, em função de uma política de distribuição de renda e crescimento econômico absolutamente pragmática, se comparada com os discursos radicais e inflamados do ex-militar, que já havia, em 1992, liderado uma tentativa mal-sucedida de golpe contra o então presidente Carlos Andrés Pérez. Chávez é então representado como um ponto de inflexão por analistas

que identificaram esse momento com o início de uma virada à esquerda na América Latina (Porto & Hallin, 2009).

As conclusões de Hillman e D'Agostino são corroboradas pelo estudo de Almas (2005), que identifica que o entusiasmo e a atitude democrática dos venezuelanos se ampliou entre 1983 e 2000, e que a consistência democrática, marcada pela aposta na democracia como a melhor forma de governo, era crescente, ainda que houvesse uma certa tendência, em alguns setores da população, a uma personalização da política, atravessada pelo apoio a lideranças fortes e autoritárias. Em resumo, a ascensão de Chávez reaglutinou as forças partidárias venezuelanas, deu origem ao Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), surgido em 2008 a partir da fusão de outras siglas de esquerda, e instituiu uma política econômica razoavelmente sólida, que, à exceção da crise do petróleo de 2002 e 2003, viu o PIB crescer de 0,3% ao ano, em 1998, a 5,6% ao ano, dez anos depois, tendo alcançado seu ápice em 2004, com 18,3% ao ano de crescimento².

Na mesma década, a taxa de mortalidade infantil caiu de 26,5 para 17,0 por mil nascimentos. E o desemprego caiu de 11,3% para 7,8% (Weisbrot, Ray & Sandoval, 2009). Os índices eram excepcionais. Não bastasse isso, Chávez protagonizou embates antológicos com outras lideranças mundiais, em especial, George W. Bush, a quem chamou de "diabo", em discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque (BBC Brasil, 2006). O protagonismo foi tamanho que o assim-chamado movimento bolivarianista venezuelano inspirou regimes similares na Bolívia de Evo Morales (2006-) e no Equador de Rafael Correa (2007-2017).

O bolivarianismo ou Revolução Bolivariana é a metáfora encontrada por Chávez para denominar os governos de esquerda latino-americanos que questionavam o Consenso de Washington, uma espécie de cartilha neoliberal. O nome, naturalmente, provém de Simón Bolívar, um general venezuelano que liderou movimentos de independência na Venezuela, na Colômbia, no Equador, no Peru e na Bolívia (Gombata, 2014). Ao equiparar-se a Bolívar, Chávez não apenas cunha para si o papel de libertador, como institui as bases

² Segundo dados do Banco Mundial, o PIB venezuelano em 1998 era da ordem de US\$91,3 bilhões, e passou a US\$315,9 bilhões em 2008, um crescimento de três e meia vezes em uma década (Fonte: <<https://datos.bancomundial.org/pais/venezuela>>).

para um "pacote ideológico" que "inclui a promoção da propriedade estatal, mecanismos de controle público pela sociedade, e reeleições presidenciais indefinidas" (Romero & Mijares, 2016). Some-se a isto, no âmbito da diplomacia externa, uma política que repousa na "tese de uma guerra assimétrica" (id., ibid.), travada contra o imperialismo. Essa leitura geopolítica e decolonial foi favorecida pela articulação em torno da criação da Unasul, um bloco intergovernamental formado por nações independentes da América do Sul, e que congrega os países integrantes do Mercosul e da Comunidade Andina.

Entretanto, a radicalização do chavismo, desde a crise de 2002, uma série de derrotas legislativas na tentativa de promulgar uma nova Constituição, e a posterior enfermidade que levou o general à morte, agravaram uma crise que se mantinha latente pelos bons índices econômicos alcançados pelo regime em sua primeira década de existência. O sucessor de Chávez, Nicolás Maduro, assumiu o poder em 2013, e elevou o grau de incerteza sobre os destinos políticos do país (Romero & Mijares, 2016; Ellner, 2013) e ampliou a expectativa sobre o papel de mediação da diplomacia brasileira (Burgess, 2018).

O quebra-cabeça para a chancelaria não é recente. Segundo Burgess (2018, p. 208), muito embora o Brasil ocupe um papel de liderança regional e seja instado a atuar como mediador internacional em cenários como os da crise na Venezuela, "os mecanismos regionais de enforcement democráticos são geralmente reféns das tradições interamericanas de política externa", que apontam, pela experiência, que, impor condições a nações soberanas para que variantes poliárquicas sejam implementadas fatalmente exige intervenção direta e continuada. Assim, o pesquisador argumenta que o Brasil tem hesitado em assumir a condição de negociador face a um duplo dilema: o de que estaria ferindo uma política tacitamente adotada pelo bloco de não-intervenção na soberania das nações estrangeiras, e, para além disso, incorreria contra seus próprios interesses, uma vez que o país é, em grande medida, dependente na balança comercial com a Venezuela (id., p. 211). A posição ambígua do governo brasileiro, diante das ondas migratórias de venezuelanos ao estado de Roraima é um exemplo desse *modus operandi*.

Com efeito, embora com pouca ingenuidade a respeito dos vetores de origem, a crise enfrentada pela Venezuela se assemelha, guardadas as

proporções, à própria crise política e econômica experimentada no Brasil nos últimos anos, como argumenta Oelsner (2017). A pesquisadora sugere que a corrupção endêmica, o envolvimento direto de multinacionais com sedes em países vizinhos, e o papel ativo desempenhado pela oposição e pelo judiciário são componentes que aproximam o cenário turbulento por que atravessam as duas nações. Mais do que isso, a recente virada à direita de vários países da América do Sul – com as eleições de Mauricio Macri, na Argentina, em 2015; Pedro Pablo Kuczynski, no Peru, em 2016, sucedido, após renúncia, pelo vice Martín Vizcarra; Sebastián Piñera, no Chile, em 2017; Iván Duque, na Colômbia; Mario Abdo Benítez, no Paraguai; e, evidentemente, Jair Bolsonaro, no Brasil, em 2018, após o longo e conturbado processo iniciado com o golpe parlamentar que depôs Dilma Rousseff, em 2016 – tornou a Venezuela um dos últimos bastiões da esquerda no continente. Em função disso, e da recente crise humanitária experimentada no país, grupos de articulação política de tendência liberal na economia mas conservadora nos costumes iniciaram uma intensa campanha que procurava associar a imagem do PT à Venezuela, inspirando temor nos eleitores de que a situação econômica no Brasil pudesse declinar como no vizinho.

2. O Brasil vai virar uma Venezuela, o meme

Durante a campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro utilizou repetidas vezes a Venezuela como exemplo negativo, associando-o a uma eventual vitória de Fernando Haddad. No tweet logo após o primeiro turno, ele dizia que "Parte da mídia, o sistema corrupto e tudo que nos trouxe ao caos em que vivemos está mais insistente do que nunca numa batalha contra nós! Vamos vencer e quebrar a engrenagem que quer nos tornar uma Venezuela!" (@jairbolsonaro, 10/10/2018). Muito tempo antes, em maio de 2016, ele já empregava a mesma imagem: "Ainda podemos virar uma Venezuela" (@jairbolsonaro, 26/05/2016). E, logo em seu primeiro mês após eleito, em 23 de janeiro, em entrevista à agência Bloomberg, repetiu o prognóstico, desta vez, associando o risco à necessidade de aprovação da reforma previdenciária (Colitt & Martin, 2019).

Na diplomacia, uma das primeiras medidas do ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo foi promover mudanças no currículo da escola de

formação de diplomatas do Instituto Rio Branco, excluindo o curso sobre América Latina (Della Coletta, 2019b). O objetivo é reverter o processo de integração do bloco iniciado com a criação da Unasul. Nos debates eleitorais, o candidato Cabo Daciolo insistentemente utilizava os exemplos da Unasul e do Foro de São Paulo como embriões do que chamou de Ursal. A expressão, criada como uma ironia pela socióloga Maria Lucia Victor Barbosa, em 2001 (Perotti, 2018), rapidamente se converteu em piada, gerando múltiplos memes de internet com "releituras comunistas" do desenho animado Ursinhos Carinhos. Além da Ursal e das comparações entre Brasil e Venezuela, outras várias imagens semelhantes povoam o imaginário popular há alguns anos, seja em tom de sátira ou de ameaça. A própria Revolução Bolivariana, em certa medida, contribuiu para criar o adjetivo que se tornou sinônimo de radicalismo de esquerda e tem sido frequentemente empregado por colonistas na imprensa brasileira (Gombata, 2014).

A ideia de que o Brasil estaria prestes a se tornar uma Venezuela, contudo, não é novidade. Sua origem remonta à campanha presidencial de 2002, quando o então candidato José Serra a repercutiu na mídia (Ulhôa, 2002). Na ocasião, em campanha pelo segundo turno, Serra utiliza recorrentemente a imagem para atacar Lula, sinalizando que o posicionamento radicalizado à esquerda do então candidato petista poderia resultar em uma crise similar à vivenciada pelo país vizinho, que, naquele mesmo ano, experimentava uma greve geral e uma tentativa de deposição do presidente Hugo Chávez (id., ibid.).

As menções à Venezuela como exemplo de governo de esquerda mal-sucedido são empregadas de maneira metafórica e generalizante, construindo uma nova camada de sentido que atribui à imagem um valor semântico correspondente à ideia de uma nação em crise econômica e política severa em função de políticas adotadas por um governo de esquerda. Naquele contexto, no entanto, a vitória de Lula era associada à Venezuela por representar uma incerteza. Deve-se levar em consideração que a integração do bloco interamericano não era uma realidade e o Brasil ainda não tinha

experimentado o crescimento econômico que viria a ter na sequência. Nesse sentido, a referência metafórica à Venezuela ganha novo impulso a partir de 2013, quando, mais uma vez, as crises políticas vivenciadas pelos dois países coincidem em alguma instância³.

Em 2018, a expressão é também mobilizada por Eduardo Bolsonaro, referindo-se à Venezuela como uma "narcoditadura" (@BolsonaroSP, 17/12/2018) e prometendo guerra para "libertar nossos irmãos do socialismo" (Serafini, 2018). A urgência renovada da ameaça adquire uma nova roupagem, mais virulenta e diretamente associada ao suposto fracasso da gestão Dilma Rousseff. Entre os eleitores, nos grupos de WhatsApp, eram comuns as menções à expressão em mensagens com diferentes apelos, tais como:

O POVO não quer a degradação social e muito menos se tornar uma VENEZUELA!!!

Te prepara pra ser venezuelano 2

Mais do que nunca temos que ir às ruas defender o Brasil, antes que seja tarde e tornemos uma Venezuela.

senão nos próximos 3 anos seremos uma Cuba e em 4 seremos uma Venezuela

O exemplo mais recente do resultado de governos de esquerda está bem do nosso lado: Venezuela. Estamos caminhando para a "venezuelização": 13 milhões de desempregados; despesas obrigatórias que subiram de 800 bilhões por ano em 2008 para 1.2 trilhões em 2018; tecido social esgarçado etc.. Precisamos pensar no amanhã. Bolsonaro tem os votos e, com isso, chance de se tornar presidente.

³ Uma pesquisa rápida no Google para a expressão "virar uma Venezuela" demonstra que a quantidade de resultados, submetidos a filtros de intervalo de tempo, cresce exponencialmente, de uma variação entre 0 e 8 resultados entre 2002 e 2012, a 16 em 2013, 55 em 2014, 59 em 2015, 78 em 2016, 76 em 2017, e, finalmente, 88 em 2018.

Diante da observação empírica da incidência dessas mensagens no conjunto de grupos de WhatsApp monitorados pelo grupo de pesquisa coLAB durante as Eleições 2018, iniciou-se um esforço de investigação mais apurado a respeito. O passo inicial para esta pesquisa é compreender a expressão "o Brasil vai virar uma Venezuela" como um meme. De acordo com Chagas (2018; 2019, no prelo), muito embora o conceito de meme seja normalmente atribuído ao biólogo Richard Dawkins, que, em 1976, cunhou a expressão, não apenas não há vinculação imediata entre o conceito original e a atual interpretação que lhe é conferida a respeito dos memes de internet, como também o modo como o conceito é delineado permite sua apropriação e adaptação a contextos anteriores à sua própria origem. Entendido desta forma, o meme não se trata necessariamente de uma mídia, uma imagem ou um vídeo viral da internet, mas, antes de mais nada, de uma ideia ou comportamento iterado, passado adiante através de um processo continuado de propagação e reapropriação.

Se Shifman (2014) se refere a "manifestações meméticas" anteriores à Era Digital, para discutir como intervenções urbanas como pichações e padrões imagéticos reproduzidos em diferentes locais poderiam se constituir como proto-memes, Chagas (2018) propõe uma aproximação entre a categoria e outras epistemes empregadas no universo teórico dos estudos de comunicação política, como a noção de imagem ou as de divisa e palavra de ordem, oriundas da propaganda. A definição empregada pelo pesquisador identifica os memes políticos como:

[...]fórmulas discursivas ou artefatos culturais que, a partir de uma interação com seus congêneres, e através de um processo de circulação em diferentes redes sociais, são capazes de despertar ou demonstrar o engajamento político do sujeito ou ainda socializá-lo com o debate público, através de uma linguagem metafórica e orientada à construção de um enredo ou enquadramento próprios, que fazem uso, muitas vezes, de referências da cultura popular (Chagas, 2018, p. 10).

O bordão "o Brasil vai virar uma Venezuela" é, assim, o equivalente a uma frase de efeito no ambiente retórico da política, e poderia receber

tratamento na literatura também a partir do conceito de sound bite (Landtsheer et al., 2008). O meme, porém, expressa de forma mais adequada o caráter discursivo que opera como pano de fundo dessas disputas.

Na acepção de Knobel e Lankshear (2007) e Milner (2013), os memes devem ser compreendidos fundamentalmente como artefatos discursivos. Como sugerem Milner (2013) e Phillips e Milner (2017), os modos de expressão cotidiana online, nos quais se incluem a criação e o compartilhamento de memes e outros conteúdos gerados por usuários, são polifônicos e polissêmicos, isto é, são originados de diferentes atores e a partir de diferentes interpretações, muitas vezes, ambivalentes e opacas, inacessíveis a uma audiência exterior. "O Brasil vai virar uma Venezuela" é uma ameaça retórica que só faz sentido a quem acessa ao menos três graus de semânticos superpostos: (a) a Venezuela como um país que experimenta uma crise humanitária sem precedentes, (b) a inclinação à esquerda do governo venezuelano como principal responsável pela crise, e (c) a suposta associação entre os partidos à esquerda brasileiros e o governo venezuelano.

Identificada a apropriação discursiva, este artigo se apoia em uma compreensão de que o uso recursivo de estratégias retóricas de apelo emocional esvazia o sentido político de determinadas experiências, distorce e simplifica cenários, e age sobre a opinião pública, incitando um clima de medo e ameaça (Wodak, 2015). Com base nos aspectos acima destacados, desenvolveu-se uma análise das mensagens trocadas por eleitores em grupos de WhatsApp, atentando-se em particular aos modos como as redes conservadoras articularam discursos contra os seus adversários e construíram associações entre o Partido dos Trabalhadores e a "ditadura venezuelana".

3. Metodologia

Segundo o Latinobarómetro 2018, WhatsApp e Facebook são as duas redes sociais online que estão empatadas na preferência da população latino-americana, com 64% e 63% de menções, respectivamente. No Brasil, o WhatsApp tem uma margem consideravelmente maior de vantagem, com 66% de preferência, contra 59% que disseram utilizar o Facebook com mais frequência, 37% o YouTube, 27% o Instagram, e 6% o Twitter. De acordo com dados do próprio WhatsApp, são 120 milhões de contas ativas no Brasil.

Assim, os grupos de WhatsApp pró-Bolsonaro foram impulsionadores importantes da campanha desenvolvida no território digital em 2018. Com a disseminação contínua de informações sobre a campanha, eles mantiveram seus membros informados sobre diversos aspectos da disputa eleitoral e forneceram enquadramentos próprios a partir de argumentos baseados, muitas vezes, em falácias e imprecisões. Por exemplo, para lastrear o argumento sobre o risco de "o Brasil virar uma Venezuela", a disseminação frequente de conteúdos que descrevem e ilustram os problemas enfrentados pelo país vizinho era uma estratégia essencial.

Desse modo, o presente artigo está ancorado em uma base de dados composta por mais de 1,6 milhão de mensagens trocadas por aproximadamente 12 mil usuários divididos em cerca de 150 grupos de WhatsApp, entre maio e novembro de 2018. A base foi construída a partir de um monitoramento contínuo desenvolvido por pesquisadores do grupo de pesquisa coLAB, a título de uma pesquisa encoberta, isto é, em que os membros dos grupos, por razões de se tratar de um ambiente hostil à pesquisa acadêmica, não foram informados previamente da investigação em andamento. Os dados foram coletados de grupos públicos e todas as informações de âmbito privado dos usuários, como números de telefone (com exceção de registros de DDI e DDD) e afins, foram eliminados da análise.

O corpus para este trabalho é composto de menções diretas à palavra-chave "venezuela", de modo que ele não esgota o universo discursivo que alude ao risco de "o Brasil virar uma Venezuela", já que não há todo um conjunto lexical que pode evocar indiretamente a questão venezuelana, como o bolivarianismo, o presidente Nicolás Maduro, as relações com Cuba e o programa Mais Médicos, etc. Ainda assim, trata-se de uma amostra robusta de conteúdos. São 11.118 mensagens trocadas por 3.326 usuários, em 158 grupos diferentes, entre 28 de junho e 22 de novembro de 2018. Em todas elas, havia pelo menos uma menção textual à palavra-chave procurada. A partir daí, desenvolveu-se um cruzamento de dados com o objetivo de identificar a procedência dessas mensagens e padrões de envio, como os

horários de publicação e eventuais superposters. Nesse caso, foram coletados, sobretudo, dados referentes aos prefixos de longa distância dos telefones e os dias e horários das publicações.

Na sequência, procedeu-se uma categorização dos dados com base em uma amostra do corpus inicial, calculada com 95% de confiança e 5% de margem de erro, o que resultou em 372 mensagens. Essas mensagens foram codificadas a partir de 20 diferentes variáveis dummies, definidas com base em um contato inicial com o corpus. Isto significa que as variáveis categóricas foram criadas após observação indutiva dos dados. O número total de variáveis procurou esgotar os sentidos possíveis para as menções comparativas entre os dois países, de forma que os pesquisadores acreditem ter alcançado um ponto de saturação ao defini-las. Finalmente, as 20 categorias foram agrupadas em 5 diferentes enquadramentos a respeito da Venezuela. Este agrupamento se deu por critério de redução e proximidade. Assim, categorias como Anti-PT, Atentado a Bolsonaro, Campanha Negativa, Ditadura na Venezuela, Fraude nas Eleições, Perigo do Comunismo, Programa Mais Médicos, Relações com EUA, e Temas Morais e Religiosos foram aglutinados no enquadramento Eixo do Mal. E temas como Crise na Venezuela, Riquezas Naturais da Venezuela e Venezuelanos Estão Sofrendo foram somados ao enquadramento Fundo do Poço. Categoria mais distante dos demais temas, Liberdade para os Venezuelanos, foi convertida sozinha em enquadramento. Operação semelhante ocorre com as duas categorias Ditaduras de Esquerda e Aula de Liberalismo, que, juntas, conformaram o enquadramento Diferenças Ideológicas. Desse modo, os enquadramentos apresentam somas de quantidades desiguais de categorias, privilegiando o fato de que as categorias se distribuem elas mesmas de modo desigual pela amostra. Mais uma vez, os cinco enquadramentos foram definidos de forma a reduzir até algum ponto de saturação todas as pequenas sobreposições entre as categorias⁴. Observou-se, então, como esses enquadramentos se relacionavam com a procedência das mensagens. Os resultados dessa análise são apresentados a seguir.

⁴ Este tipo de operação de redução a posteriori é recomendado pela maior parte dos pesquisadores que orientam seus trabalhos pela análise de conteúdo, tal como Bardin (2011) e Krippendorff (2004).

4. Resultados e discussão

As menções à Venezuela nas mensagens trocadas entre usuários em grupos WhatsApp distribuem-se desigualmente no tempo. Entre 28 de junho e 17 de agosto, por exemplo, em nenhum dia recebeu mais de dez mensagens. O período oficial de campanha em 2018 inicia-se em 16 de agosto, e, a partir do dia 18, tem-se um incremento significativo nas mensagens sobre o tema. A média entre 28 de junho e 17 de agosto era de 1,27 mensagens por dia. No dia 18, salta-se para 46 mensagens diárias. Em setembro, a média é de 125,2 por dia. Em outubro, de 187,2, com pico de 706 mensagens no dia 8 de outubro, logo após o primeiro turno. E, em novembro, com o pleito já definido, o clima arrefece novamente para 46,4 mensagens diárias. Compreender melhor os períodos diários de maior intensidade talvez ajude a explicar um pouco das rotinas de atividade nos grupos.

A partir dessa percepção, tomou-se o turno em que as mensagens eram postadas nos grupos como referência. Quatro faixas de seis horas cada dividiram o dia em manhã, tarde, noite e madrugada. O horário de maior atividade nos grupos, no que tange especificamente à publicação de mensagens sobre a Venezuela, é o horário da tarde (12h-18h), com 3.733 mensagens, seguido de perto pelo horário da noite (18h-0h), com 3.532 mensagens. A madrugada (2.444) e a manhã (1.409) apresentaram menor intensidade.

Com relação à origem das mensagens que mencionam a Venezuela, 17 países compõem a amostra. O Brasil é responsável por 98,1% deste volume. Países como Estados Unidos (78 mensagens), Portugal (45), Alemanha (17) e Bolívia (16) aparecem em seguida. A Bolívia, cujo regime de Evo Morales é declaradamente inspirado no modelo venezuelano, aparece na amostra com um único usuário ativo, que comenta mensagens em diferentes ocasiões.

No que compete aos estados brasileiros, São Paulo (N=1.926), Rio de Janeiro (1.062), Minas Gerais (1.056) e Bahia (1.025) são os mais presentes no que tange à origem das mensagens. Pernambuco (592) e Amazonas (517) despontam na sequência.

A partir da segunda amostra, de 372 mensagens, procedeu-se então a classificação dos dados, de acordo com as 20 categorias que se seguem:

- Anti-PT: mensagens que traziam teor claramente voltado à associação entre Venezuela e PT, com exortações para que não se votasse mais no partido ou indícios de corrupção e desvio de verbas em que ambos estivessem relacionados.
- Atentado a Bolsonaro: mensagens que sugeriam participação do regime de Maduro no atentado sofrido por Bolsonaro em setembro.
- Aula de Liberalismo: mensagens genéricas sobre o liberalismo, com lições de vida ou explanações sobre a superioridade do liberalismo econômico em relação ao regime comunista.
- Campanha Negativa: mensagens que continham ataques diretos a candidatos, como Haddad, Ciro e Marina, procurando associá-los à Venezuela.
- Perigo do Comunismo: mensagens que apresentavam o comunismo como uma ameaça a ser evitada.
- Crise na Venezuela: mensagens que apresentavam índices econômicos sobre a Venezuela e mostravam o país em crise.
- Ditadura na Venezuela: mensagens que ressaltavam ameaças às liberdades civis no regime venezuelano.
- Ditaduras de Esquerda: mensagens que associavam o Brasil a outros regimes, como Cuba, Bolívia etc.
- Relações com os Estados Unidos: mensagens que mencionavam as relações exteriores entre Venezuela e EUA.
- Fraude nas Eleições: mensagens que procuravam associar empresas estatais venezuelanas a uma suposta fraude eleitoral que vinha sendo planejada para o Brasil.
- Liberdade para os Venezuelanos: mensagens que colocavam a necessidade de se lutar por uma Venezuela livre, mesmo que isso implicasse em intervenção direta.
- Programa Mais Médicos: mensagens que sugeriam que os médicos cubanos seriam, na realidade, espiões dos regimes comunistas de Cuba e da Venezuela.
- Precisamos nos Defender: mensagens que chamavam a atenção para aspectos em que o Brasil era dependente da Venezuela, como a energia elétrica em Roraima, e alertavam para a necessidade de se romper esse ciclo de dependência, bem como de se preparar para defender o país.

- Temas Morais e Religiosos: mensagens que destacavam que os comunistas são ateus e que os venezuelanos atentariam contra a moral.
 - Riquezas Naturais da Venezuela: mensagens que destacavam as riquezas e recursos naturais da Venezuela e indicavam que o país seria rico não fosse o regime adotado.
 - É Preciso Mudar: mensagens que convocavam a população às ruas e indicavam que era preciso sair da zona de conforto para que as coisas melhorassem, a única saída sendo votar em Bolsonaro.
 - Vai Pra Venezuela: mensagens que relatavam casos de artistas ou cidadãos insatisfeitos com a campanha bolsonarista e apontavam que a saída para os "esquerdistas" seria exilar-se na Venezuela.
 - Venezuelanos Estão Sofrendo: mensagens que apresentavam histórias de interesse humano ou destacavam o sofrimento pessoal dos venezuelanos diante da crise humanitária no país.
 - O Brasil Vai Virar Venezuela: mensagens genéricas com o mote "o Brasil vai virar uma Venezuela".
 - Outras: mensagens não classificadas em nenhuma outra categoria.
- O resultado é o que se apresenta no gráfico 1.

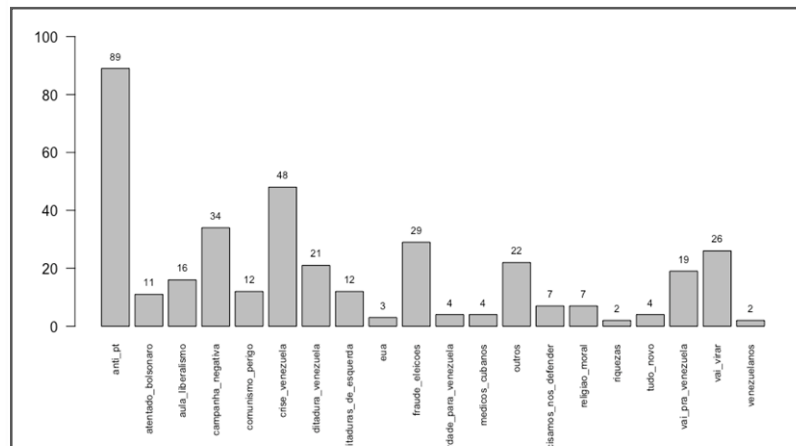


Gráfico 1 – Análise do conteúdo das mensagens publicadas em grupos da rede de apoio a Bolsonaro no WhatsApp que mencionavam a Venezuela
Fonte – Elaboração própria.

Estas categorias foram posteriormente agrupadas pelos pesquisadores em cinco enquadramentos (gráfico 2):

- Contraponto: a Venezuela é apresentada como exemplo negativo, cenário que deve ser evitado a todo custo, e a solução para isso seria tirar o PT do poder.
- Diferenças Ideológicas: aqui, a Venezuela surge como um país comunista, bolivariano, cujo regime está fadado ao fracasso.
- Eixo do Mal: junto com outros países e com a "quadrilha" do PT, a Venezuela integra um eixo do mal, contra o qual os brasileiros devem lutar.
- Fundo do Poço: a crise venezuelana representa o fundo do poço a que podemos chegar, as imagens são fortes, e a crise humanitária é severa, levando os venezuelanos a um estado de caos e sofrimento.
- Liberdade para a Venezuela: apesar de seu governo, os venezuelanos são um povo bom e devem ser redimidos.

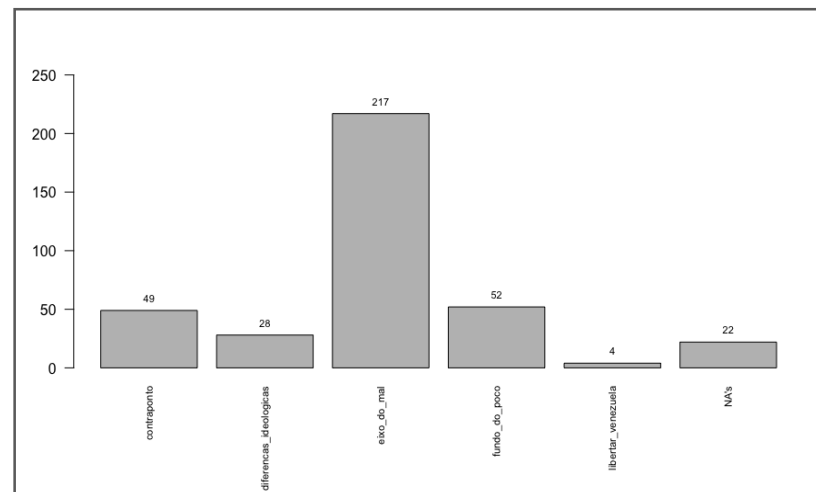


Gráfico 2 – Enquadramentos das mensagens publicadas em grupos da rede de apoio a Bolsonaro no WhatsApp que mencionavam a Venezuela
Fonte – Elaboração própria.

Estes enquadramentos variaram ao longo do tempo (gráfico 3), de modo que o início da campanha investiu mais na representação da crise (fundo do poço, em agosto) e nas críticas ao regime comunista (diferenças ideológicas, em setembro). Em contraposição, o mês de outubro está mais associado aos enquadramentos de contraponto e eixo do mal, justamente os dois que apresentam uma associação mais forte com as críticas ao Partido dos Trabalhadores.

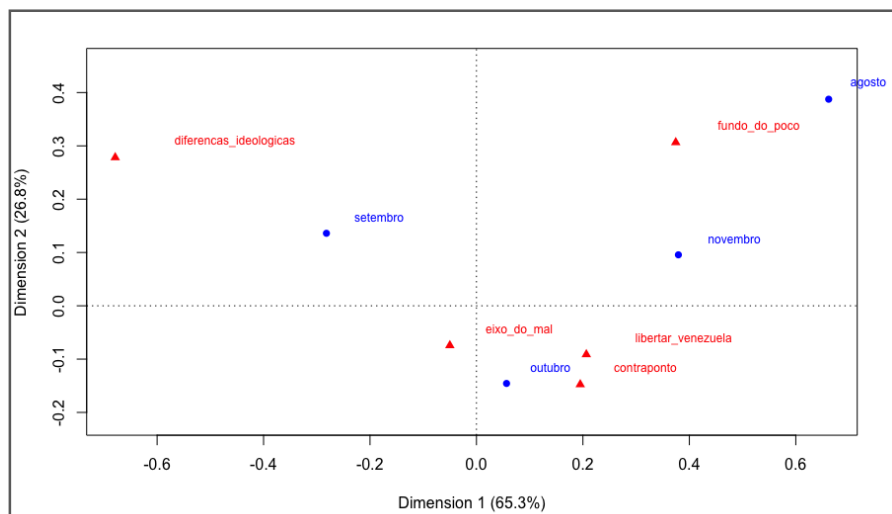


Gráfico 3 – Análise de correspondência canônica entre os enquadramentos das mensagens e a data de publicação
Fonte – Elaboração própria

O passo seguinte foi avaliar o comportamento dos superposters. A distribuição dos usuários com maior grau de participação na publicação de mensagens relacionadas à Venezuela configura uma curva de lei de potência. Os dez usuários mais ativos, entre os mais de 3,3 mil participantes somam 8,9% do total de mensagens na amostra. O usuário que publicou com mais intensidade sobre a questão venezuelana é responsável sozinho pelo envio de 341 mensagens ao longo dos seis meses que compõem o corpus. Concentrando a análise sobre este usuário em específico, nota-se que sua atuação consiste na publicação repetida das mesmas mensagens para os

mesmos grupos. Agrupadas, tratam-se de 42 mensagens replicadas, em média, 8,1 vezes cada. Uma só mensagem chegou a ser encaminhada 67 vezes para vários grupos. Este usuário, procedente do Amazonas, chegou a participar e enviar mensagens sobre a Venezuela para 15 diferentes grupos (gráfico 4). Em média, eram 22,7 mensagens por grupo. E, vale notar, a participação é razoavelmente uniforme entre esses grupos. Há apenas dois grupos com uma participação mais enfática, caracterizados abaixo como outliers, um deles criado e administrado pelo próprio usuário. Entre os demais, dois terços das participações deste usuário oscilam entre 16 e 29 mensagens enviadas por grupo.

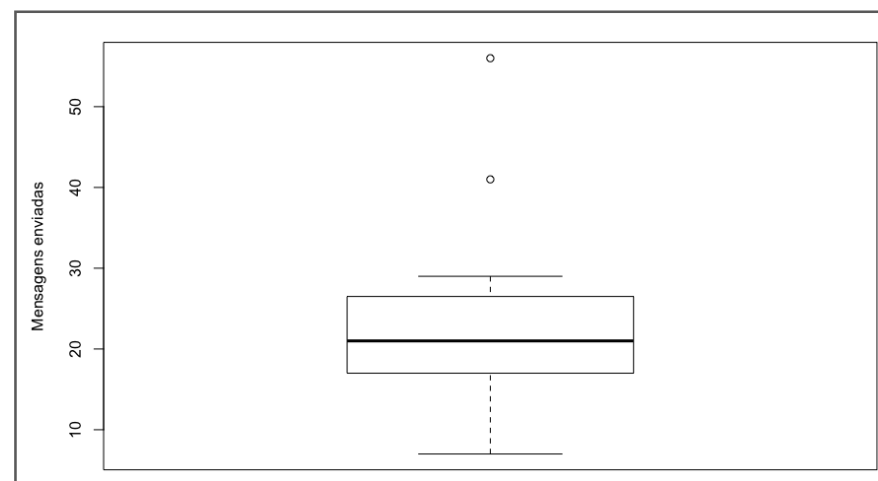


Gráfico 4 – Gráfico de caixa e bigode dos dados referentes a mensagens enviadas pelo usuário mais ativo nos grupos de WhatsApp com relação às mensagens que faziam menção à Venezuela
Fonte – Elaboração própria.

Mais do que isso, o comportamento anômalo diz respeito também ao envio reiterado de mensagens replicadas para o mesmo grupo, em períodos do dia diferentes. O usuário é responsável por postar 124 mensagens no turno da tarde (o de maior movimentação, conforme indicado acima), 122 mensagens no turno da noite, e 95 mensagens na madrugada. A regularidade impressiona. A primeira atividade registrada deste número na amostra, por

exemplo, é no dia 11 de agosto de 2018, quando envia quatro vezes a mesma mensagem para o mesmo grupo, às 13h58, depois às 16h37, às 21h27, e, já no dia seguinte, às 1h29. Na véspera do primeiro turno, envia 16 vezes a mesma mensagem a 12 grupos diferentes. Nos dias 19 e 20 de outubro, uma outra mensagem é enviada a diversos grupos, um deles a recebe quatro vezes, às 18h50 e 19h23 do dia 19, e novamente às 14h52 e 15h13 do dia 20. Em várias outras ocasiões, o padrão se repete, de modo que a distribuição equitativa entre os períodos do dia está longe de ser acaso.

Na amostra de 372 mensagens categorizadas, há dez mensagens enviadas por este número. A proporção é semelhante à sua participação no cômputo geral das 11 mil mensagens disponíveis no corpus inicial. Desse modo, é possível perceber que os enquadramentos privilegiados por este usuário são precisamente os mesmos que receberam maior investimento na reta final da campanha e que associam de modo mais evidente a Venezuela aos governos do PT, leia-se contraponto (N=5) e eixo do mal (N=3). O ambiente de discussão dos grupos bolsonaristas de WhatsApp, longe de ressaltar o potencial deliberativo e conversacional da arena, torna evidente o nível de coordenação no envio de informações aos demais membros e o caráter de difusão em escala estratégica de mensagens que configuram ou ao menos favorecem determinados enquadramentos.

Considerações finais

Grosso modo, em resposta às hipóteses previamente lançadas, o presente trabalho procurou apontar que há indícios suficientes para sustentar a atividade estratégica na disseminação de mensagens que comparam Brasil e Venezuela ao longo da campanha eleitoral de 2018. Com relação à nossa primeira hipótese de pesquisa, de acordo com a qual, o meme “O Brasil vai virar Venezuela” se intensificaria em períodos em que há disputa eleitoral (H1), chama a atenção o fato de que texto e subtexto têm longo histórico de apropriação por diferentes políticos. Assim, muito embora a comparação entre os dois países seja bastante anterior ao contexto das últimas eleições, o considerável incremento no número de mensagens durante o período oficial de campanha, e a presença de usuários cujos comportamentos nitidamente apresentam características de uma atuação profissional parecem comprovar

H1. Evidentemente, por se tratar essencialmente de um meme político de natureza persuasiva e orientado por um viés ideológico particular, a pesquisa em grupos pró-Bolsonaro é capaz de detectá-lo com maior eficácia. Isso não exclui, porém, a existência de outros memes associados aos mesmos objetivos (como a vinculação entre candidaturas de esquerda e a suposta distribuição em escolas do chamado “kit gay”) ou a objetivos e candidatos outros.

Por outro lado, a associação entre enquadramentos específicos, que relacionam o PT à Venezuela e favorecem o clima polarizado, e o período decisivo da corrida eleitoral, bem como a alta incidência desses e de outros enquadramentos emocionais na amostra analisada permitem sustentar a hipótese segundo a qual este meme funciona como dispositivo de campanha negativa, sobretudo quando associado aos governos e candidatos do Partido dos Trabalhadores (H2). A observação destes enquadramentos sugere a instrumentalização de memes como recursos persuasivos no ambiente político. Os principais enquadramentos evidenciados pelo uso do medo insistem em fomentar um sentimento de medo e urgência, que, por sua vez, atua no sentido de direcionar o eleitorado contrário ao PT a uma mobilização (H3).

Dessa forma, em que pesem as eventuais limitações na amostra, seja pela composição pouco criteriosa do corpus inicial, ou pela clara redução estatística para fins de facilitar a categorização dos dados, espera-se que o presente trabalho possa ter deslindado algumas das estratégias para a campanha online nos grupos de WhatsApp em 2018, que combinou uma forte coordenação na disseminação de mensagens de apelo retórico a uma larga base de usuários e também um certo grau de espontaneidade, na medida em que essa base era a responsável por reagir e repercutir os discursos, afinal corroborando ou conformando um certo clima de opinião. Conquanto se justifique a atenção voltada aos casos de contratação irregular de serviços de disparos de mensagens em massa por meio de aplicativos de celular nas eleições brasileiras, uma investigação como esta que se apresenta chama a atenção para o fato de que a campanha online tem muitas nuances mais do que parece supor o senso comum que acredita piamente no medo instilado pelo prognóstico absurdista de que a população brasileira possa enfrentar fado semelhante ao da Venezuela.

Referências

AGGIO, CAMILO, & CASTRO, FILIPE (2019, no prelo). 'Meu partido é o povo': uma proposta teórico-metodológica para o estudo do populismo como fórmula de comunicação política e estudo de caso do perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. Artigo inédito, enviado como cortesia dos autores.

ALMAO, VALIA PEREIRA (2005). A consistência democrática na Venezuela em tempos de mudança política. *Opinião Pública*, 11(1), 128-146. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762005000100005>

AMORIM NETO, OCTAVIO. "De João Goulart a Hugo Chávez: A política venezuelana à luz da experiência brasileira". *Opinião Pública*, 8(2), 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762002000200005>

BARDIN, LAURENCE. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BBC Brasil (2006, Setembro 20). Chávez chama Bush de 'diabo' em discurso na ONU. BBC Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2006/09/060920_chavez_onu.shtml. Acesso em: 17/02/2019.

BURGES, SEAN W. (2018). Venezuela's democratic decline and Brazil's growing geopolitical headache. *Pensamiento Propio*, 47, 207-219. Disponível em: <http://www.cries.org/wp-content/uploads/2018/09/013-Burges.pdf>

CAETANO, JOSEMAR A.; OLIVEIRA, JAQUELINE; LIMA, HÉLDER; MARQUES-NETO, HUMBERTO; MAGNO, GABRIEL; MEIRA JR., WAGNER; ALMEIDA, VIRGÍLIO. Analyzing and characterizing political discussions in WhatsApp public groups. arXiv, 2018.

CAETANO, JOSEMAR A.; MAGNO, GABRIEL; GONÇALVES, MARCOS; ALMEIDA, JUSSARA; MARQUES-NETO, HUMBERTO;

ALMEIDA, VIRGÍLIO. Characterizing Attention Cascades in WhatsApp Groups. arXiv, 2019.

CHAGAS, VIKTOR; FREIRE, FERNANDA; RIOS, DANIEL; MAGALHÃES, DANDARA. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. *Intexto*, 38, 2017. <https://doi.org/10.19132/1807-8583201738.173-196>

CHAGAS, VIKTOR (2018). A febre dos memes na política. *Revista Famecos*, 25(1). <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27025>

CHAGAS, VIKTOR (2019, no prelo). Da memética aos estudos sobre memes: uma revisão da literatura concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976-2019). In: Viktor Chagas. *Estudos sobre Memes: história, política e novas experiências de letramento*.

CHUERI, JULIANA (2018). People against the elite? Jair Bolsonaro's presidential campaign. In: *Anais do 42º Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu, Brasil, 22-26 Outubro 2018. Anpocs. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt17-22>

CIOCCARI, DEYSI (2018). O atentado contra Jair Bolsonaro: imagem e a violência nas eleições 2018. *Líbero*, 21(42), 127-142.

COLITT, RAYMOND, & MARTIN, ERIC (2019, Janeiro 23). Bolsonaro Says Brazil Must Reform or Become Next Venezuela. Bloomberg. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-23/brazil-leader-pledges-sweeping-reform-to-avoid-deeper-crisis>. Acesso em: 17/02/2019.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BR). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas. Brasília: CNS, 2016.

DAWKINS, RICHARD (1976). *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

DELLA COLETTA, RICARDO (2019a, Janeiro 17). Bolsonaro diz que fará todo o possível para restabelecer democracia na Venezuela. Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/01/bolsonaro-diz-que-fara-todo-o-possivel-para-restabelecer-democracia-na-venezuela.shtml>. Acesso em: 17/02/2019.

DELLA COLETTA, RICARDO (2019b, Fevereiro 16). Ernesto Araújo exclui curso sobre América Latina de formação de diplomatas. Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/chanceler-exclui-curso-sobre-america-latina-de-formacao-de-diplomatas.shtml>. Acesso em: 17/02/2019.

ELLNER, STEVE (2013). Just how radical is President Nicolás Maduro. *NACLA Report on the Americas*, 46(2), 45-49. <http://dx.doi.org/10.1080/10714839.2013.11721996>

GOMBATA, MARSÍLEA (2014, Novembro, 7). Você sabe o que é o bolivarianismo? Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-bolivarianismo-2305.html>. Acesso em: 17/02/2019.

HILLMAN, RICHARD S., & D'AGOSTINO, THOMAS J. (2000). Partidos políticos, opinião pública e o futuro da democracia na Venezuela. *Opinião Pública*, 6(1), 55-75. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762000000100003>

KNOBEL, MICHELE, & LANKSHEAR, COLIN (2007). Online memes, affinities and cultural production. In: Michele Knobel & Colin Lankshear. *A new literacies sampler* (pp. 199-227). Berna: Peter Lang.

KRIPPENDORFF, KLAUS. *Content Analysis*. Thousand Oaks: Sage, 2004.

LANDTSHEER, C'L DE, VRIES, P. DE, & VERTESEN, D. (2008). Political impression management: how metaphors, sound bites, appearance effectiveness, and personality traits can win elections. *Journal of Political Marketing*, 7(3-4), 217-238. <https://doi.org/10.1080/15377850802005083>

MILNER, R. (2013). Pop Polyvocality: Internet Memes, Public Participation, and the Occupy Wall Street Movement. *International Journal Of Communication*, 7, 34. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1949>

MOURA, MAURICIO; MICHELSON, MELISSA R. WhatsApp in Brazil: mobilising voters through door-to-door and personal messages. *Internet Policy Review*, 6(4), 1-18, 27 abr. 2018.

OELSNER, ANDREA (2017, Julho 24). Brazil and Venezuela's political crises are more alike than they seem. *The Conversation*. Disponível em: <https://theconversation.com/brazil-and-venezuelas-political-crises-are-more-alike-than-they-seem-80520>. Acesso em: 17/02/2019.

PADILHA, MARIA ITAYRA COELHO DE SOUZA; RAMOS, FLÁVIA REGINA SOUZA; BORENSTEIN, MIRIAM SUSSKIND; MARTINS, CLEUSA RIOS. A responsabilidade do pesquisador ou sobre o que dizemos acerca da ética em pesquisa. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 14(1), 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072005000100013>

PEROTTI, DENISE (2018, Agosto 13). Crítica do PT, socióloga diz que inventou Ursal em 2001 como ironia. Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>. Acesso em: 17/02/2019.

PHILLIPS, WHITNEY, & MILNER, RYAN (2017). *The ambivalent internet: mischief, oddity, and antagonism online*. Cambridge: Polity.

PORTO, M. P., & HALLIN, D. C. (2009). Media and Democratization in Latin America. *The International Journal of Press/Politics*, 14(3), 291–295. <https://doi.org/10.1177/1940161209336231>

RESENDE, GUSTAVO; MELO, PHILIPPE; SOUSA, HUGO; MESSIAS, JOHNNATAN; VASCONCELOS, MARISA; ALMEIDA, JUSSARA; BENEVENUTO, FABRÍCIO. (Mis)Information Dissemination in WhatsApp: Gathering, Analyzing and Countermeasures. In: *International World Wide Web Conference Committee*, 2019. Anais... San Francisco: ACM Press, 2019, p. 1–11.

RESENDE, GUSTAVO; MESSIAS, JOHNNATAN; SILVA, MÁRCIO; ALMEIDA, JUSSARA; VASCONCELOS, MARISA; BENEVENUTO, FABRÍCIO. A System for Monitoring Public Political Groups in WhatsApp. In: *The 24th Brazilian Symposium On Multimedia And The Web*, 2018. Anais... Nova Iorque: ACM Press, 2018. p. 387–390.

ROMERO, CARLOS A., & MIJARES, VÍCTOR M. (2016). From Chávez to Maduro: Continuity and Change in Venezuelan Foreign Policy. *Contexto Internacional*, 38(1), 165–201. Epub Maio 17, 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-8529.2016380100005>

SANTOS, WANDERLEY GUILHERME DOS. (1986). *Sessenta Quatro: Anatomia da Crise*. São Paulo, Vértice.

SERAFINI, M. (2018, Outubro 24). Filho de Bolsonaro ameaça entrar em guerra contra a Venezuela. *Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/24/filho-de-bolsonaro-ameaca-entrar-em-guerra-contr-a-venezuela/>. Acesso em: 17/02/2019.

SHIFMAN, L. (2014). *Memes in digital culture*. Cambridge: MIT Press.

ULHÔA, R. (2002, Outubro 11) Serra ataca e diz que país pode virar Venezuela se Lula vencer. *Folha de S.Paulo*. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u40275.shtml>. Acesso em: 17/02/2019.

WEISBROT, M., RAY, R., & SANDOVAL, L. (2009). *The Chávez Administration at 10 Years: the economy and social indicators*. Washington, D.C.: Center for Economic and Policy Research. Disponível em: <http://cepr.net/documents/publications/venezuela-2009-02.pdf>. Acesso em: 17/02/2019.

WODAK, R. (2015). *The politics of fear: what right-wing populist discourses mean*. Londres: Sage.

ZULIANELLO, M., ALBERTINI, A., & CECCOBELLI, D. (2018). A Populist Zeitgeist? The Communication Strategies of Western and Latin American Political Leaders on Facebook. *The International Journal of Press/Politics*, 23(4), 439–457. <https://doi.org/10.1177/1940161218783836>